

Nomenclatura numismática¹

Desenvolvo o assunto mais do que seria necessário, já para aproveitar notas que avulsamente tomei para lições, etc., já porque escrevo em Portugal, onde os estudantes, a quem destino o meu trabalho, nem sempre, com risco de ficarem sem saber nada, estão dispostos a fazer consultas em bibliotecas: o seu gôsto é terem tudo à mão.

Abreviaturas (braquiografia) usadas em Numismática:

- 1) siglas ou letras avulsas, geralmente iniciais de nomes, por exemplo: A=*Aulus*, L=*Lisboa*, R=*Rex*. Vid. *Letreiro*.
- 2) grupos de letras como FL—FL(*avius*).
- 3) nexos ou ligações de letras, como N=A N T, que ás vezes formam monogramas.
- 4) combinação de 2 e 3, como: VESP=*Vesp(asianus)*.

Designação dos metais: Æ(s), R(*gentum*), A(*rum*), B(*ronze*)
N(*iquel*), C(*alaim*), E(*stanho*).

Acostado. O mesmo que *encostado*. Diz, por exemplo, Lopes Fernandes, *Mem. das moedas*, p. 223, que o escudo do *cruzado novo* de D. Pedro II está *acostado* do valor e da data, por ter esta ao longo de um dos lados do escudo, e aquele ao longo do outro lado.

Adulterada (moeda). Vid. *Falsificação*.

Alteração da moeda. Num documento do sec. XVII, publicado n.º *Arch. Port.*, IX, 154, lê-se: «póde o príncipe *creçer* e *deminuir* o preço da moeda» = «crescimentos ou baixas de moeda» = «levantar e abaixar a moeda» = «alterar ou abaixar o valor da moeda».

Amoedar. Dar a um metal a fôrma e valor de moeda; torná-lo moeda. Assim se diz, como expressões opostas entre si: *ouro amoedado*, *ouro em barra*. Ao acto de *amoedar* chama-se *amoedação*.

Anel. Circulozinho figurado na moeda. Corresponde-lhe mais ou menos *arruela*, termo de heraldica, do francês *rouelle* («roda pequena»), o mesmo que *bezante* (na origem: *nummus Byzantius*). Cf.

¹ Este trabalho destina-se a fazer parte de uns *Prolegómenos de Numismática*, que em parte já estão no prelo.

Villasboas, *Nobiliarquia Portugueza*, Lisboa 1676, p. 225: «*besante*, he hũa figura como moeda; .. o mesmo he *arruela*».—O anel está freqüentemente reduzido a um ponto, quando a moeda se gastou no uso.

Anepigrafa ou inanimada ou muda. Moeda ou face de moeda sem letreiro algum.

Anomala. Diz-se a moeda que sai do comum, no diametro, na espessura, no cunho, etc.—Termo usado por J. Pedro Ribeiro, *Reflexões Historicas*, I, 14: «as menos *anomalas* considero as muitas peças de bronze que me tem occorrido, e de diversos tamanhos, com a esphera e a legenda *contos* para *contar*» (estas peças são porém inexactamente chamadas *moedas*; são *contos*). *Anomala* é sinonimo de *singular*.

Anverso. É a página principal da moeda, onde está o tipo ou letreiro mais importante, como a figura de um chefe de estado, a personificação de uma nação, uma divindade¹. Opõe-se-lhe *reverso*, termo já usado no sec. XVII por D. Rodrigo da Cunha, *Hist. Ecclesiastica de Lisboa*, fls. 102. Bluteau diz *rosto da medalha*, no sentido de «anverso», e diz *revés* ou *avesso*, no sentido de «reverso»: vid. *Vocabulario*, nos lugares respectivos. Tambem ás vezes se usa *verso* em vez de «reverso». O reverso costuma, nas descrições, indicar-se por um R cortado na curva inferior, isto é, R; o anverso pôde indicar-se por um A cortado de modo analogo, isto é, A, mas geralmente não se indica, porque as descrições começam por ele. Ha moedas em que, por falta de elementos característicos, não é facil ou não é possível dizer a qual das páginas deve chamar-se anverso; cf. Lenormant, *Monnaies et médailles*, pp. 89–91. Por «anverso» os Franceses dizem *avers*, do lat. *aversum*, o que é propriamente «avesso» ou «reverso». A palavra *anverso* parece formada de ante-versum, e veio-nos por intermedio do hespanhol: ela não figura ainda no *Diccionario* da nossa Academia das Sciencias (1793); o primeiro lexico-grafo que a menciona creio ser Moraes.—Em linguagem pitoresca dizemos o *avesso* ou o *reverso da medalha*, para indicar o lado mau de uma cousa, pessoa, ou acto, por opposição ao lado bom.

¹ Acêrca de nações personificadas que figuram em moedas vid. A. Blanchet, in *Revue Archéologique*, 1890, I, 1, 344, e as suas *Études de Numismatique*, I, 29.

Apagada. Diz-se da moeda completamente obliterada, isto é, reduzida a simples *chapa*. A obliteração pôde não ser completa, e neste caso a moeda chama-se *gasta* ou *çafada*.—Assim se evita o termo francês *fruste*, que alguns numismaticos usam.—Vid. *Conservação*.

Apocrifa. Vid. *Falsa*.

Armas de Portugal. Desde o principio da monarchia até hoje elas têm variado na disposição dos escudetes, na disposição e número das arruelas e dos castelos, na fôrma do escudo, em terem ou não coroa, e noutras particularidades.—Valia a pena fazer um estudo d'este assunto, tomando por base o pouco que já ha escrito (por exemplo, nas *Moedas de Portugal* de Aragão, I, 48 sgs.; ha algumas informações em cronistas), os selos antigos, portadas de livros, tumulos, frontarias de edificios, e outros documentos. Nas minhas aulas de Numismatica dei sobre isto apontamentos aos alunos.—Já depois de redigido este parágrafo publicou o meu colega e amigo D.^o Antonio de Vasconcellos, da Universidade de Coimbra, uma excelente dissertação intitulada «O escudo nacional português» na *Lusitania*, I, 171-185, e 321-337.

Arruela. (Termo de brasão usado por vezes em Numismatica). Anel ou circulo muito pequeno. Do francês *rouelle*. Tambem pôde dizer-se *bizante*, igualmente do francês (*besant*, por *nummus byzantius*).—Vid. *Anel*.

Bimetalismo. Vid. *Sistema monetario*.

Bolhão ou **bilhão**. Prata muito ligada com cobre, e portanto baixa. Considera-se em Numismatica como um metal. São de bolhão muitas das nossas moedas até o reinado de D. Afonso V, inclusivè. Os Hespanhois dizem *billon* ou *vellon*, os Franceses *billon*, os numismaticos portuguezes ora *bilhão*, palavra já arquivada por Bluteau em 1712, ora *bolhão*. A origem é franceza, mas a palavra veio cedo para cá, talvez por Hespanha. No *Dicc. universal das moedas*, Lisboa 1793, p. 104, lê-se: «.. metal a que o franceses chamam *Billon*, e nós os portuguezes chamamos *Metal de composição*». A última expressão tem o inconveniente de ser perifrastica. Segundo a nota manuscrita de um livro do sec. XVI, citado por Sousa, *Hist. Genealogica*, IV, 251, dizia-se no sec. XV *bolhão* ou *bolhom*: «estas são as ligas de *bolhoens*, e moedas correntes, assim d'ouro como de prata». Ha tambem

bolhão em um doc. de 1460, transcrito por Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 382, n.º 33. Num documento de 1514 fala-se do *bulham do Porto*, isto é, da moeda de bolhão aí cunhada (ainda hoje ha nessa cidade uma praça chamada do *Bolhão*, nome que deve provir d'isso).

Bôrdo. É a parte mais estreita da moeda, correspondente á espessura. Póde ser:

- 1) *liso*, por exemplo, na moeda de «quatro centavos»;
- 2) *com letreiro*, por exemplo, nos «cinco francos» franceses, de prata;
- 3) *com serrilha*, por exemplo, nas nossas moedas de prata e de ouro dos ultimos reinados;
- 4) *recortado* ou *dentado*, em certos denarios da Republica romana, por exemplo, nos da familia *Aurelia*;
- 5) com uma especie de trança ou cordão, por exemplo, no *dobrão* de D. João V, onde continua no rebordo, fazendo as vezes de circuito granulado;
- 6) *reticulado*, em uma moeda de bronze de Caterina II da Russia. Uma das maiores moedas de bronze que ha.

Bracteata. Moeda feita de delgada folha metalica, de cunho grosseiro, que ficou ôco em uma página, e de relêvo na outra. Houve, por exemplo, moedas d'estas na Suecia em várias epocas.—A palavra *bracteata* vem do latim *bractea*, que quere dizer folha fina de ouro ou de outro metal.—No Museu Etnologico ha alguns exemplares de bracteatas suecas do sec. XII, que adquiri na Suecia em 1921.

Bronze. Na Numismatica romana usam-se as denominações de *grande bronze* (á francesa) ou *bronze maximo*, *bronze mediano*, ou *bronze médio*, e *bronze minimo*, ou *pequeno bronze* (tambem á francesa), conforme o módulo. Representando estas por letras, temos, segundo o hábito dos numismaticos: GB, MB, PB. Propriamente o *bronze maximo* corresponde a um sestercio (valor de quatro asses); o *médio* a um dupondio (dois asses) e a um asse; o *minimo* corresponde a divisões minimas do asse (semis, quadrante). Cf. Gneecchi, *Monete romane*, 2.^a ed., p. 218.

Busto. Com freqüencia se representam nas moedas bustos (ou cabeças) de imperantes, de divindades, de nações personificadas, etc. (vid., nesta Nomenclatura, *anverso*). Nas moedas bem cunhadas os bustos ou cabeças dos imperantes representam em geral retratos. No

fim do livrinho de Gnechi, *Monete romane*, dos Manuais hoeplianos de Milão, vem uma colecção de estampas, ou «serie iconografica imperiale», com os bustos dos imperadores.

O busto pôde estar voltado para a *sua direita*, por exemplo, nos *torneses* de D. Fernando I, para a *sua esquerda*, por exemplo, nas moedas de ouro de D. João V, ou de *frente*, por exemplo, em muitas moedas visigoticas. Quando ha dois bustos e estão voltados na mesma direcção lateral, dizem-se *conjugados*, por exemplo, em várias moedas de ouro de D. Maria I & D. Pedro III; quando a direcção é contrária, por exemplo, numa moeda de cobre da colonia de Viena (Gallia), dizem-se *opostos*; quando olha um para o outro, dizem-se *de frente*, ou *convergentes*, por exemplo, nas moedas da familia



Fig. 1



Fig. 2

Rustia da Republica romana, fig. 1. O que se diz dos bustos diz-se das *cabeças*. Numa moeda de *Istrus*, Moesia Inferior (Sul do Danubio), ha duas cabeças postas ao invés, ou *inversas*: vid. fig. 2.

Nas moedas ha geralmente só um busto ou cabeça (com ou sem pescoço), mas pode haver mais, e tambem ha figuras de pé, sentadas, a cavallo: de figura em pé, por exemplo, na *dobra pé-terra* (de ouro) de D. Fernando I; sentada, por exemplo, no *justo* de D. João II (ouro); a cavallo, nos morabitanos da 1.^a dinastia (ouro).

Campo. É, na superficie da moeda, tanto no anverso como no reverso, o espaço ou fundo em que assentam as figuras principais: assim, descrevendo um real de D. Fernando, pôde Aragão dizer, *Moedas de Portugal*, I, 179, § 5, que o *campo* está occupado por um «F» coroadado. Severim de Faria, *Noticias*, p. 179, falando do anverso da *barbuda* do mesmo rei, diz que «hũa cruz . . toma todo o vão», onde *vão* corresponde a «*campo*».

Cantonada. Os nossos numismaticos modernos, por exemplo, Lopes Fernandes (1856), e Aragão (1874-75), quando no anverso ou reverso de uma moeda ha uma cruz, em cada angulo da qual está uma letra, ou qualquer desenho, dizem *cruz cantonada* por tais letras ou tais desenhos, por exemplo, na *meia-barbuda* de D. Fernando (Aragão, I, 181, n.º 20); na *moeda de A*, de D. João V (Aragão, II, 73, n.º 3); no *engenhoso* (Aragão, I, 277, n.º 10); no tostão de D. Manuel (Aragão, I, 249, n.º 9); no tostão de D. João III (Aragão, I, 13, n.º 24); no meio-tostão de D. João III (Aragão, I, 13, n.º 26).

O termo *cantonada* é o francês *cantonée*, derivado de *canton* (ital. *cantone*, «esquina, etc.»). Os nossos antigos usavam outras expressões. Falando do anverso da *barbuda*, diz Severim, p. 179: «hãa cruz das da ordem de Christo, que toma todo o vão; nos quatro cantos da cruz quatro castellos»; e falando do reverso da moeda de 4 cruzados (ouro) de D. João IV: «da outra parte a cruz de S. Jorge, e nos quatro vãos o ano de 1642». Podem citar-se aqui os nobiliarquistas: por exemplo, Villasboas, *Nobiliarquia Portugueza*, 1.^a ed., p. 236, quando descreve um escudo: «campo vermelho, esquarterado com hãa cruz .. e em cada quarto hãa flor de lis». Empreguem-se hoje expressões analogas.

Carimbo. Sinal que, já depois de a moeda andar em circulação, se lhe estampa ou grava, para lhe regularizar o curso, dar curso novo, aumentar o valor, etc. Costuma em especial chamar-se *contramarca* o carimbo que indica o valor diverso do que a moeda tinha antes. Nas moedas de D. Antonio, por exemplo, cunhou-se um açor (vid. *tipo*). Os patacos lavrados pela Junta do Porto em 1847 receberam curso legal perante o carimbo de «G.C.P.» (Governo Civil do Porto), fig. 3. Por causa da guerra da Restauração, muitas moedas de D. João IV foram aumentadas de valor, com *contramarcas*. Nas *Moedas de Portugal*, de Teixeira de Aragão, indices, s. v. «carimbo» e «contramarca», se encontram muitos exemplos.



Fig. 3

Para significarem *carimbo* e *contramarca*, os nossos Autores antigos empregam diversos termos, por exemplo, *selo*, *cunho*, *marca*. Num trabalho publicado pelo Conde da Ericeira na *Hist. Genealogica*, iv, 439, diz ele, falando dos Felipes: «houve por este tempo a moeda de meio-vintem, ou dez reis em prata .. e estas se *sellarão*», e cita a proposito uns versos do *Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manoel:

..... Affonso Mendes,
dayme ora ahi, se o tendes,
hum meyo vintem *sellado*;

todavia, a p. 440, diz o Conde que D. João IV mandou pôr novo *cunho* no dinheiro, subindo os tostões a seis vintens; e a p. 441 usa *marca*. Já tambem D. Rodrigo da Cunha, *Hist. eccles. de Lisboa*, fls. 109 v, escrevera: «*marca do açor*». — *Contramarca* é mera tradução do francês *contre-marque*.

Cercadura. Serie de granulos, pontos, ou tracinhos que circundam a legenda ou o tipo. Quando é de pontos ou granulos, chamo-lhe *granulada*. Muitos numismaticos, por exemplo, Aragão, *Moedas romanas*, p. 17, dizem *grènetis*, termo francês. Tambem podemos dizer *circuito granulado*, *pontuado*, etc.

Cerceada. Diz-se *cerceada* a moeda que foi diminuida fraudulentamente no seu pêsô, por córte, limadura, raspagem, etc., para se lhe extrair metal. O *cerceo* ou *cerceio* pratica-se sobretudo nas moedas de ouro e prata. Contra os cerceadores cominam as *Ordenações Afonsinas*, liv. v, tit. 82, a pena de açoute, seguida de dois anos de degrêdo, exceptuando-se as pessoas privilegiadas, em quem a pena se atenuava em multa e um só ano de degrêdo. Um poeta da *Fenix Renascida*, t. iv (1746), pp. 262-263, alude graciosamente ao *cerceo* nos seguintes termos:

.. ha de patacas barbeiros,
E tão destros em cerceallas,
Que lhe fazem a la moda
As barbas ás tizouradas,

onde *barbeiros de patacas* quiere dizer «cerceadores de patacas». As patacas eram moedas de prata hespanholas que corriam em Portugal no sec. xvii; ás patacas cerceadas se refere tambem Teixeira de Aragão, *Moedas de Portugal*, II, 62, citando a esse respeito providencias legislativas do mesmo seculo.

Chapa. Quando se fala de moedas, tem duas acepções: a) disco metalico destinado a receber os cunhos, e por consequencia liso; b) moeda quando gasta (vid. *Apagada*). Uma chapa grande denomina-se *chapão*.—É do segundo sentido de *chapa* que vem a designação de *jôgo das chapas*, porque as moedas com que se joga ficam gastas com o uso (cf. *Revista Lusitana*, xxii, 225-226).

Circuito. Vid. *Orla*.

Conjugados. Vid. *Busto*.

Conservação. Segundo o estado de conservação de uma moeda, pôde dizer-se na descrição d'ela: *nova em folha*; *bem* ou *mal conservada*; *gasta*, *apagada*, *çafada*; *cerceada*; transformada em simples *chapa*.

Vid. alguns d'estes termos na presente Nomenclatura.

Contorneada. Moeda em que ha um sulco fundo em volta do tipo. As moedas contorneadas estiveram em uso especialmente em Roma (*medalhões contorneados*).

Contos de contar. Vid. *Tesseras*.

Contra-marca. Vid. *Carimbo*.

Cordão. Vid. *Bôrdo*.

Coroa. A primitiva coroa real portugueza é formada por um círculo, d'onde se elevam equidistantemente uns tantos florões, ficando aberta por cima.

A primeira vez que appareceu uma coroa em moedas portuguezas foi no tempo de D. Pedro I, porém não temos desenhos das respectivas moedas, que só conhecemos pelo que conta F. Lopes na *Cro-*



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8

nica d'aquelle rei, cap. xi. D'aí em diante, a coroa apparece em moedas de todos os reis portuguezes, ou formada como fica dito, ou de outro modo, como se dirá.

Nas mais antigas moedas só estão visiveis tres florões, estando encoberto um, o que dá quatro florões, mas entre dois d'elles vê-se uma saliencia angular terminada numa perola, fig. 4, ou em tres perolas, fig. 5, por exemplo no anverso de uma moeda de D. Duarte, depois esta saliencia transforma-se tambem em florão, menor que os outros, por exemplo, no reverso da mesma moeda, ou em florão do mesmo tamanho, por exemplo, uma moeda de ouro de D. João II, fig. 6: ficando portanto oito florões (cinco visiveis, e tres invisiveis), que é o número tambem das folhas d'aipo da coroa de Hespanha, e das flores de lis da antiga coroa real de França.

No tempo de D. Sebastião a coroa real fecha-se com arcos de círculo, que partem de alguns dos florões, como se vê de um tostão de 1558, fig. 7, mas continúa a apparecer após esta data, no mesmo reinado, ainda coroa aberta, por exemplo, na fig. 8. Nas moedas de D. Henrique ha ou coroa aberta, ou coroa fechada. Nas dos Governadores do reino a coroa é fechada. Nas de D. Antonio vê-se coroa aberta a par de coroa fechada. Nos reinados subseqüentes até o último a coroa permanece fechada.

Quando a arte monetaria se apura um pouco, ficam visiveis cinco arcos, estando ocultos tres, por exemplo, na fig. 9: pois a coroa real tem, como já disse, oito arcos.

Nas moedas cunhadas por D. Pedro II como Principe regente vêem-se dois arcos, mas ha-de entender-se que de um florão partia outro arco para o florão oposto, visto que as coroas de principe só têm quatro arcos: fig. 10.



Fig. 9



Fig. 10

O esplendor da arte e riqueza monetaria atingiu o apogeu no reinado de D. João V: em algumas moedas d'ele, e em todas as dos reinados seguintes, vêem-se dois arcos de lado (em plano) e tres de frente, estando ocultos outros tres.

O vertice da coroa real, quando fechada, terminava freqüentemente num globo encimado de uma cruz: já na 3.^a dinastia, mas sobretudo na 4.^a, de D. Pedro II, ou melhor, de D. João V para cá.

Acêrca do uso da coroa na antiguidade, e sua historia, haveria muito que dizer se aqui fosse o lugar apropriado: coroas de folhas, de flores, de espigas, de frutos; nos Egipcios, nos Gregos, nos Romanos; em estátuas de deuses (de loureiro na de Apolo; de carvalho na de Zeus; de vide na de Dioniso). Coroas de vîctimas. Os mortos coravam-se como os deuses: d'ái vem o uso moderno de coroas funebres. Coroas dos vencedores de jogos, e dos guerreiros, vencedores de batalhas. Das coroas dos monarcas da antiguidade veio o uso das dos da idade media, e conseqüentemente das dos modernos.—Pôde ler-se com proveito o artigo «corona» no *Dict. des antiq. grecques et romaines*, de Daremberg & Saglio. Acêrca de coroas funebres vid. *Religiões da Lusitania*, III, 424—425. Vid. *Grinala*.

N. B.—Os Hespanhois e alguns Portugueses chamam *diadema* ao que aqui chamo *arco de circulo*.

Corpo. Conjunto e relêvo das figuras. Tambem se diz *volume*.—*Moeda encorpada* ou *relevada*.

Cruz. Em qualquer enciclopedia ilustrada se podem ver figuras de cruces, de várias fórmãs. Vid. tambem (com relação a Portugal) P.^o Viterbo, *Elucidario*, s. v. «cruz». Adiante se indicam algumas que aparecem nas nossas moedas e nas dos grão-mestres portugueses de Malta:

Fig. 11—de Cristo.



Fig. 11



Fig. 12

Fig. 12—de S. Jorge; alta, de calvario (á cruz de haste alta, e maior que os braços, chamam os nobiliarquistas *potentéa*, palavra já usada na *Monarchia Lusit.*; vid. Moraes. No *Novo Diccionario* de C. de Figueiredo dá-se-lhe outra definição.—Á cruz de haste alta chamamos vulgarmente *processional*).

Fig. 13—de Avis, que corresponde à *croix fleurdelysée* dos Franceses.

Fig. 14—de S. Tiago.

Fig. 15—do Santo Sepulcro.

Fig. 16—de Malta, que é a que creio que chamam «do Espirito Santo». Em moedas de D. Fernando, vid. Aragão, *Moedas*



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17

de Portugal, est. v, n.º 18, ha uma cruz cuja fôrma lembra esta.

Em *dinheiros* da 1.ª dinastia ha uma cruz de fôrma especial, fig. 17, de braços nodosos.

Cunho, cunhos. Assim chamavam os nossos autores ao conjunto das figuras (divindades, bustos ou caras de monarcas, edificios, brasões, emblemas religiosos, etc., etc.) representadas na moeda. Numa lei de D. Fernando (*apud* Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 349) diz-se: «o *cunho* e a *escripta* da nossa moeda», onde *escripta* significa «letrado». Vid. outros exemplos na *Hist. Genealogica*, IV, 130, e na *Chronica de D. Manoel*, de Damião de Goes, pt. IV, cap. 86. Também Severim, *Noticias*, p. 178 e 189 (§§ 25 e 33), diz: *cunhos* e *letras*; cf. p. 188, onde emprega *cunhos*. No antigo jôgo das chapas, a que já me referi, *s. v.* «chapa», havia a expressão: *cunhos & cruces* no plural, certamente porque se atiravam ao ar duas moedas; hoje em Lisboa corresponde-lhe *cara* ou *cruz*, onde *cruz* significa as quinas, por estarem dispostas crucialmente, e *cara* é o busto do rei (nos patacos). Falando do *quarto de cruzado* de D. Manuel, diz Damião de Goes que o Rei os mandára fazer «com a mesma *divisa* e *letrado*» de outra moeda chamada *português* (cf. Lopes Fernandes, *Moedas*, p. 114), onde porém *divisa* está em sentido geral e não tecnico. Diz Soropita, *Poesias e prosas inéditas* (ed. de Camilo), sec. XVII (começos), p. 69: «não ha na bolça *cunhos* nem *cruzes*».

Denteada. Vid. *Bôrdo*.

Electro. Liga de ouro e prata, também chamado «ouro pálido». Considera-se em Numismática como um metal; cf. o que se disse do bolhão. São feitas desta liga as primitivas moedas da Ásia Menor.

Engastada. Moeda feita de duas qualidades de metal ou outra substância (o centro, de uma; a orla, de outra).

Ensaio monetario. Antes de se emitir uma moeda, fazem-se ás vezes tentativas de cunhagem que não chegam a adoptar-se, por não agradar a fôrma, ou o desenho, ou por qualquer outra circumstancia. O exemplar que assim se cunha como *prova* chama-se *ensaio monetario*. A *prova* pôde tirar-se ou no metal que se destinava a circular, ou noutro. Merecem especificar-se alguns ricos ensaios monetarios do tempo de D. João V, descritos por Aragão, II, 73, n.ºs 1 e 2, e 76, n.ºs 23 e 24, e publicados nas estampas XXX e XXXI. Ha varios estudos e gravuras de ensaios monetarios n-*O Arch. Port.*, IV, 273-274, VIII, 246-250, XIII, 195-199 (artigos de M. J. de Campos).

Epigrafe. Vid. *Letreiro*.

Escala: vid. *Módulo*.

Estalada. Chama-se assim a moeda que tem a orla e os bordos rachados pela fôrça empregada na cunhagem ou carimbagem. Por exemplo, certa moeda de D. Antonio contramarcada.

Exergo. Espaço (no anverso ou reverso), com letra ou letras, datas, etc., situado debaixo da figura ou figuras principais, ás vezes separado por um traço horizontal.

Falsificação. Consideremos tres classes de moeda falsa:

- I. *Moedas falsificadas* ou *imitadas*. São aquelas em que se imitam moedas verdadeiras, não o sendo. Podem imitar-se:
 - a) moedas antigas, para enganar a sciencia ou os colleccionadores (não se confunda esta falsificação com *reproduções* feitas para estudo);
 - b) moedas modernas, para enganar o público. Os falsificadores estão sob a alçada do Codigo Penal. Cf. *Elencho*, II, 14-18, onde aludi á nossa legislação antiga e moderna respectiva a falsarios.

II. *Adulteradas*. São as que provêm de moedas verdadeiras, alteradas *ad hoc*. Destinam-se a enganar ou o publico ou a sciência. Por exemplo, moedas douradas para passarem por ouro; moedas verdadeiras, em que se raspou um elemento.

III. *Moedas apocrifas* ou de fantasia. São as que se pretende que passem por moedas antigas que nunca houve. Destinam-se a enganar a sciencia e os coleccionadores.

Da moeda falsa, em qualquer dos dois sentidos indicados em I-b) e II, diz o adagio: *moeda falsa, de noite passa*.

A historia consigna os nomes de falsarios célebres de moedas, que ou tentaram iludir a sciencia ou o público. Entre aqueles conta-se, por exemplo, o Paduano, isto é, Giovani Covino (1500-1570), que admiravelmente falsificou grande quantidade de moedas antigas, associado a seu irmão Alessandro Bassiani (cf. *La Grande Encyclop.*, s. v. «Covino»); Becker (1771-1830), que se dedicou á falsificação de moedas dos reis visigodos da Peninsula hispanica (vid. J. Lelewel, *Numismat. du m. âge*, I, 21, nota; e A. Heiss, *Monn. des rois visigoths*, Paris 1872, p. 144); Luigi Cigoi, de Udina, fabricante moderno de peças que imitam moedas romanas (vid. *Monatsblatt der numismat. Geselsch. in Wien*, 1896, p. 387). Relativamente a falsificadores estrangeiros da segunda especie, temos na *Rev. Archeolog. Barcelonesa*, IV, 386 sgs. (em continuação noutros volumes), menção e extractos de processos judiciaes do sec. XVI.

Fiduciaria. Moeda que, sem ter valor real, o representa, feita, por exemplo, de ferro, estanho e chumbo, na Grecia, em certas crises; e de pau, na Russia. Seriam fiduciarias as famosas *moedas de sola* de que toda a gente fala em Portugal, como tendo existido entre nós: cf. *Elencho das lições de Numismatica*, I, 18, nota 3. Em Cartago e Lacedemonia houve realmente moedas de couro fiduciarias: cf. *La Grande Encyclopédie*, s. v. «papier-monnaie». Por extensão de sentido diz-se: *circulação fiduciaria*, a que se baseia apenas na *fiducia* ou confiança do Estado, por não terem valor real os objectos que circulam em guisa de moeda, por exemplo, as *cedulas* na crise actual (1922).—Vid. *Obsidional*.

Florão. Chama-se assim em Numismatica a um ornato de fórmula de flor estilizada, que serve de separar palavras ou datas, preencher angulos de cruces, etc. Este termo não é mais que o fr. *fleuron*, pois

florão em português deve significar «flor grande», ao passo que esta é pequena. Melhor seria dizer *roseta*, como diz Lopes Fernandes, por exemplo, na descrição de um *cruzado novo* de D. Pedro II, p. 223, e de uma *moeda* de ouro de D. João V, p. 240.

Folheada. Chamarei assim á moeda que, sendo de ferro ou de outro metal baixo, é revestida de metal nobre (prata, ouro). Parece-me preferível este termo a *forrada* (do fr. *fournée*), como dizem alguns numismaticos. Ha moedas *folheadas* que são verdadeiras, por exemplo, alguns denarios da Republica romana (vid. Babelon, *Monn. de la républ. rom.*, I, p. LIII), e outras que são falsas.

Garfila. Vid. *Orla*.

Grinalda. Na linguagem ordinaria confunde-se *grinalda* com *coroa* (ou *capela*, palavra antiga, que deixou de se usar por causa da homonimia com *capela* «templo»: ainda nos *Lusiadas*, III, 134; etc.);

entendo porém que a *coroa* é fechada (vid. *coroa* nesta Nomenclatura), e destinada a pousar horizontalmente na cabeça, fig. 18, ao passo que a *grinalda*, se compõe de dois ramos verticais enlaçados em baixo, fig. 19. Conquanto o francês vacile nas significações de *guirlande* e *feston*, seu sinonimo, parece-me que *guirlande* se deve traduzir em português por *festão*, e não por *grinalda*: cf. o emprêgo que faz da palavra *guirlande* o archeologo Espérandieu, *Bas-reliefs de la Gaule*, I, 362-363; e vid.

p. 370. No Porto publicou-se em 1864 um jornal de versos chamado *A Grinalda*, o qual tinha no frontispicio, por ornato, uma lira dentro de duas palmas enlaçadas por uma fita nas hastes, o que no conceito dos redactores representa, e muito bem, como penso, uma grinalda. Esta palavra lê-se já no *Boosco delleytoso*, obra impressa em 1515, mas redigida no sec. XV ou XIV.

Em virtude do que fica exposto, não deverá dizer-se, como dizem Lopes Fernandes, *Memoria das moedas*, p. 245, etc., e Aragão, *Moedas de Portugal*, II, 76, etc., que D. João V e outros reis têm «coroa de loiro» na cabeça, mas uma «grinalda»; do mesmo modo não deverá dizer-se que a marquilha X no dez-reis de D. João V, e marquilhas analogas, ficam dentro de coroas, mas sim, tambem, dentro de grinaldas. Os ramos ou palmas, que abraçam o brasão real, de D. João V para cá, são igualmente, no meu parecer, grinaldas e não coroas.



Fig. 18



Fig. 19

Guinario. Termo que se usava para designar o pequeno bronze ou bronze mínimo — hoje desusado.

Hermeneutica numismatica: expressão empregada na *Rivista di Num. Italiana*, xxxviii, 259: «Ermeneutica numismatica romana»; e p. 260: «esercizi di ermeneutica delle monete veneziane». Isto é: interpretação de moedas e seus letreiros.

Heteróclita. Termo usado por J. Pedro Ribeiro, in *Reflex. hist.*, I, na acepção de *hybrida*. Vid. êste último.

Hibrida ou heteróclita. Moeda que, por êrro de cunhagem, ficou com tipos ou letreiros de várias moedas, isto é, com o reverso que devia ter, e com o anverso de outra, ou ao contrário. Os Franceses chamam a estas moedas pitorescamente *mules*, «mulas» (por as mulas serem animais híbridos); cf. *Rev. Historique*, cxxvi, 163. Vid. nesta Nomenclatura: *heteróclita* e *anomala*. Em Babelon, *Monnaies de la République Romaine*, t. I, p. LV, ha um capitulo sobre moedas híbridas romanas. Nas *Observações históricas*, p. 71, nota 2, cita João P. Ribeiro alguns exemplos portugueses. Como híbrido considero eu um cruzado de ouro do sec. xv em que se lêem os nomes de D. Afonso V e D. João II: vid. *Elencho de Numismática*, II, 56. O mais amplo trabalho porém que possuímos a respeito de *moedas híbridas* (portuguesas) é o que com este titulo o S.^{or} Raul Couvreur inseriu n-*O Arch. Port.*, xxiii, 26-47.

Inanimada (moeda). Vid. *Anepigrafa*.

Incerta. Moeda cuja data e destino não podem determinar-se.

Incusa. Moeda que tem de um lado o tipo ôco, e do outro não tem nenhum, ou tem saliente aquele mesmo tipo. Ha pois duas classes de moeda incusa:

a) por imperfeição de cunhagem: são assim, por exemplo, algumas das mais antigas moedas que ha (podem ver-se no Museu Etnologico reproduções que obtive em Londres, no Museu Britanico, em 1913);

b) por êrro de cunhagem, o que acontece com algumas moedas da Republica romana (por exemplo, denarios da familia AEMILIA) e em moedas



Fig. 20



Fig. 21

portuguesas, por exemplo, na fig. 20. No Museu Etnologico ha, pelo menos, um exemplar de denario romano incuso, apparecido na Beira Baixa, fig. 21, onde o obtive (appareceram outros que não pude obter). Vid. *Bracteata*.

Inscrição. Vid. *Letreiro*.

Legenda. Vid. *Letreiro*.

Letreiro. Numa moeda pode haver letras simples ou ligadas, parte de palavras, palavras avulsas, frases, e bem assim datas, numeros representativos de valores, algarismos ou numeros varios, por exemplo: P = Porto, S C = senatus consulto, RM = Roma, F. A. C. (iniciais da assinatura de um artista = Frederico Augusto de Campos), FS = *Fernandus* por *Ferdinandus*, LEG = legio, CONSECRETATIO, PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM, 1562, 20 CENTAVOS, I = unus, CONF = *Constantinopolis (officina) tertia*. Chamarei *letreiro*, de modo geral, a tudo isto. Já Damião de Goes, *Chronica de D. Manuel*, pt. IV, cap. 86, empregou esta expressão, e depois d'ele outros autores, por exemplo, Severim de Faria, §§ 10 e 16, o qual usa a par *letra* ou *letras* (§§ 6, 33, etc.) e *cifra* (§ 32). D. Rodrigo da Cunha, fls. 3 v, usa *letreiro* ou *letra* (a *letra* da orla, fls. 104); Bluteau diz a «letra da medalha». Outros dizem *escrita*. Embora estes autores tenham em mente sobretudo a «legenda», de que adiante falarei, servem-se aqui de uma expressão geral.

Um *letreiro* pôde ser, quanto á sua posição:

- *retrogrado*, por exemplo: AREMIH = *Himera* (Sicilia);
- *bustrófedon* (βουστρόφεδον), alternadamente da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, isto é, uma linha da esquerda para a direita, continuada por outra em sentido inverso, á maneira dos sulcos que o boi deixa na terra com o arado (βούς «boi» + στρέφειν «volta»);
- *da esquerda para a direita*, nas moedas modernas, e já nas romanas, etc.;
- *da direita para a esquerda*, nas moedas semíticas, e muitas ibéricas, por exemplo, numa de Salacia: 𐤆𐤍𐤕𐤕 (vid. *O Arch. Port.*, I, 83);
- *circundante, horizontal, em quadrado*.
- *ficar dentro de outro*, por exemplo, no *português*, de D. Manuel I e D. João III.

As letras podem ser plenas (o usual), ou pontuadas (por exemplo, em moedas romanas e ibéricas). Também o *letreiro* pôde ser do

tipo chamado *graffito* (palavra italiana usada aqui e em Epigrafia): cf. Lenormant, in *Revue Numismatique*, xv, 325, onde fala de inscrições amorosas, feitas, riscadas ou gravadas nas moedas pelos donos d'elas.

Conforme o lugar que ocupa na moeda, o letreiro toma diferentes nomes:

— *legenda*, se ocupa a orla;

— *inscrição*, se ocupa a parte central da moeda, servindo de tipo, ou completando-o, por exemplo, numa moeda de D. Sebastião chamada *real* (de cobre), Aragão, I, est. XXI, n.º 35, e noutra de D. Henrique chamada *real português dobrado* (de prata), ib. n.º 4.

— *epigrafe*, se está dentro do *tipo*, por exemplo, numa moeda de D. João III, chamada *real* (de cobre), Aragão, est. XVIII, n.º 49.

Falando do denario romano, diz Viterbo, *Elucidario* (s. v. «dinheiro»): «... tinha esta *marquilha X* que lhe deu o nome de *denario*, ou equivalente a dez». Podemos adoptar a expressão *marquilha* para significar a letra, letras, algarismo ou número que representa o valor da moeda.

Linguas. Sem poder mencionar aqui todas as linguas em que se escreveram letreiros monetarios, falarei só de Portugal. Em moedas da antiga Lusitania ha letreiros em linguagem ibérica (algumas moedas de Salacia) e latina (outra moeda de Salacia, moedas de Eborá, etc.): vid. *Moeda*. Em latim são tambem as moedas dos Suevos e Visigodos, e muitas d'elas foram cunhadas cá. Vid. tambem *Moeda*. Os Muçulmanos serviram-se naturalmente do arabe, e por eles foram cunhadas moedas em Mertola no sec. XII (acêrca porém de moedas arabicas com caracteres arabicos & latinos na Africa e na Hespanha, vid. Codera, *Tratado de Numismática árábigo-española*, Madrid 1879, pp. 35-56. De D. Afonso VIII de Castela, e de seu filho D. Henrique I, conhecem-se tambem moedas bilingues: ibidem, ...). As moedas propriamente portuguesas são em latim ou em português, com excepção de um ceitil de D. Manuel I com uma inscrição em arabe, publicado por Aragão, t. I, est. XIV, n.º 22 (e vid. p. 250).

Marquilha. Vid. *Letreiro*.

Medalha. Na fôrma, uma medalha parece-se muito ás vezes com uma moeda, mas, ao passo que esta é uma medida de valores, aquela é essencialmente comemorativa de acontecimentos, e de pessoas. Tambem ha medalhas de galardão e devoção; ha-as que servem

de insignias, etc. Vid. *O Arch. Port.*, xvi, 156-157, onde fiz uma classificação geral das medalhas; e cf. também Artur Lamas, *Medalhas portuguesas*, vol. I (1916), pp. ix-x. Não só as moedas antigas tinham com frequência caracter comemorativo, senão que no nosso proprio Portugal ha moedas que são ao mesmo tempo medalhas, por exemplo, a que o Govêrno da Republica emitiu para comemoração do centenario da Guerra Peninsular. Dá-se não raro o nome geral de *medalhas* ás moedas antigas, visto que elas estão fóra de uso, ou sem valor circulante, e se tornaram meros documentos historicos.

A uma colecção de medalhas, organizada para estudo ou regalo, chama-se *medalheiro*, designação que, pela razão dada, também se applica a uma colecção de moedas antigas.

Chama-se *medalhista* ao individuo que se occupa do estudo das medalhas. Esta palavra creio que foi introduzida na nossa lingua no sec. XVIII por Fr. Vicente Salgado (acêrca d'este autor vid. *Da Numismatica em Portugal*, p. 351) na redacção manuscrita das suas *Conjecturas*, que se guarda na biblioteca da Academia das Sciencias, gab. 5.º, est. 8.ª, n.º 42: vid. fls. 7, mas é curioso que emendou ao lado *medalhistas* em *sabios* (isto é, eruditos); a fls. 21 tem: «. . medallha . . desconhecida dos *medalhistas*», e substituiu igualmente esta última palavra por *numismaticos* na edição da mesma obra, p. 72. Também nas suas *Observações sobre as medalhas antigas e modernas*, de 4 fls., cod. 114 da est. 14 do referido gabinete da Academia, se lê «medalhista», palavra que o autor, na redacção impressa que tem por título *Instrucção das medalhas romanas*, suprimiu, pondo em vez d'ela *curiosos*. Esta hesitação de Fr. Vicente no emprêgo de *medalhista* provém certamente d'isto: que a palavra, para o espirito do autor, significava mais particularmente «fabricante de medalhas», e ele quis assim evitar sinonimia ou confusão.

Acêrca de *Medalhistica*, vid. estes Prolegómenos no comêço; e acêrca da nossa bibliografia medalhística, vid. *Da Numismatica em Portugal*, pp. 325-326.

Módulo. Por esta palavra entende-se a grandeza de uma moeda, considerada nas suas faces; a área; ou o diametro. O módulo permite também que certas moedas se comparem entre si, quanto ao tamanho: assim podemos dizer vintem de D. Luís de módulo grande, e de módulo pequeno, porque no seu reinado se cunharam vintens de dois tipos, segundo as epocas. Para avaliarem o tamanho das moedas serviam-se os antigos numismaticos de *escalas*, a mais conhecida das quais é a de Mionnet, constante de varios circulos,

de desigual raio, incluso uns nos outros, e tangentes entre si no mesmo ponto: cada moeda era colocada em seu circulo, e pelo número expresso nos circulos se indicava o tamanho das moedas. Todas as escalas foram publicadas por Grote, *Münzstudien*. Hoje não se faz uso de escala, porque temos o sistema metrico: exprimimos o diametro em milímetros e centímetros.

O diametro pôde tomar-se, atendendo ao contôrno, ou, por ele ser variavel, atendendo ao circuito granulado: cf. *Rev. Numismatique*, 1894, p. 379.

O nosso povo emprega duas palavras diversas para indicar *módulo*. Numa canção dirige-se assim um rapaz a uma rapariga, e diz-lhe graciosamente (vid. *Mil trovas*, de Agostinho Campos & Alberto de Oliveira, n.º 453):

Tendes o pé pequenino,
Da *marquinha* de um vintem;

noutra canção, que eu colhi, o segundo verso é:

Á *medida* de um vintem

(Fozcôa). Contudo, os nossos autores antigos tambem dão a *marca* o sentido de «carimbo»: vid. *carimbo* nesta Nomenclatura.

Moeda. Vide a definição que se dará noutro lugar, e o que se disser acêrca da origem das moedas.

A palavra *moeda*, antigamente **mōeda*, vem do latim *moneta*, que era na origem um epíteto de Juno, cujo templo servia de officina monetaria aos Romanos. Os nossos maiores pronunciavam *moêda*, palavra que rima com *quêda*, no *Cancioneiro* de Rêsende, I, 149; o povo na Beira e no Norte ainda assim diz hoje.

Por *Moeda* tambem se entendia d'antes «casa da moeda» ou officina monetaria. Num documento lisbonense de 1259, publicado por Vieira da Silva na *Universidade dos estudos*, Coimbra 1919, pp. 5 e 8, lê-se «x domos sub *Moneta*», «arredor contra *Monetam*» e *Moeda Velha*. No meu livro *Da Numismatica em Portugal*, p. 42 e nota 2, citei exemplos portuguezes dos secs. XVI e XVII de *Moeda* neste sentido. Cf. La Monnaie, em Paris.

Na epoca lusitano-romana cunhou-se moeda nas seguintes cidades que ficavam em territorio que hoje é portuguez: *Ebora*, *Salacia*, *Pax Julia*, *Myrtilis*, *Baesuris*, *Ossonoba*, todas na Lusitania; tambem se cunhou moeda em Serpa, na Betica, vid. *O Arch. Port.*, VI, p. 81. Os reis suevos cunharam moeda em Braga, os visigodos em *Egitania* (Idanha), *Elvora* (Evora), *Portocale* (Porto), *Iminio* (Coimbra), *Bra-*

cara (Braga), *Lamego*, *Veseo* (Viseu). Vid. *Religiões da Lusitania*, III, 577, nota. Na época dos Arabes cunhou-se moeda em Mertola. Das casas da moeda propriamente portuguesas fala Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 68-69.

Num documento do sec. XII chama-se *moeda*, isto é, *moneta*, aos proventos, segundo parece, resultantes da fabricação da moeda real: vid. Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 16.

Moeda é também o nome de uma especie monetaria, por exemplo, no tempo de D. João V.

Várias expressões monetarias em que entra a palavra *moeda*:

— *Moeda de boa lei*, aquela que no metal, toque e pêso, e em tudo o mais, está conforme com a lei que a mandou lavrar.

— *Moeda de conta* ou *imaginaria*. Unidade de valor a que não corresponde moeda efectiva, e que só serve para a ela se referirem as quantias. Moeda puramente teorica. Por exemplo, *conto* de reis. Às vezes os nomes provêm de moedas que efectivamente existiram: como *reis*, plural de *real*, moeda antiga. Na lingua usual dizemos «tantas moedas», por «tantos valores correspondentes a outras tantas vezes 4:800 reis». Conquanto *centavo* queira hoje dizer centesima parte de um *escudo*, essa palavra no falar usual considera-se também moeda de conta. Para a nossa concepção *vintem*, numa expressão como *sete vintens*, tornou-se do mesmo modo hoje moeda de conta, visto que o *vintem* já não é corrente, substituído como foi pelo valor de 2 centavos; mas como a peça d'este valor não corresponde nome particular, a palavra *vintem* ainda perdurará muito tempo.—Aragão consagra um capitulo ás moedas d'esta categoria, nas *Moedas de Portugal*, I, 18-21.

— *Moeda corrente*, a que tem curso em determinado momento.

— *Moeda cursavel*, a que voga, corre, e chega a muitas partes, como diz o P.^o Viterbo, no *Elucidario*, s. v. «cursavel», citando um documento do sec. XV: *moeda nobre, e rica, e mui cursavel*. Assim algumas moedas de ouro portuguesas do sec. XVI foram *mui cursaveis* nas antigas provincias belgas: vid. Alphonse de Witte, in *O Arch. Port.*, III, 273. A libra ou soberano inglês é outra moeda de ouro *mui cursavel*. Já em textos latinos a idea de o dinheiro *ter curso* se exprimia com *moneta cursualis*, e *curribilis*, em Lampridio (sec. IV): ap. *Zs. rom. Philol.*, XXXVII, 590.

— *Moeda representativa*: vid. *Papel-moeda*.

Lavrar ou *bater moeda*: diz-se, de modo geral, por fabricar moeda, quer esta seja fundida, quer cunhada. Propriamente *lavrá-la* é apurá-la com buril e outros instrumentos adequados, quando fundida.

Bater é uma das operações da cunhagem. Fr. Vicente Salgado, *Instrucção sobre as moedas romanas*, p. 32, diz: «moedas de bronze, ou vasadas ou gravadas», isto é, as fundidas ou cunhadas. De varios termos tecnicos de cunhagem das moedas, no sec. XIII, se dá noticia n-*O Arch. Port.*, III, 209 sgs.

Vid. outras expressões nesta Nomenclatura: *falsa, obsidional, sa-fada, quebrar moeda, alteração*, etc.

A uma colecção de moedas, feita para estudo, ou simples prazer, dá-se o nome de *monetario*, e *medalheiro* (vid. *medalha*); tambem pôde dizer-se *numofilacio* (vid. este vocabulo).

Monograma. Letras entrelaçadas que formam como que uma só.

Monometalismo. Vid. *Sistema monetario*.

Nova. Chamarei assim (à falta de outro termo melhor) à moeda em perfeito estado de conservação; tambem se podia usar do termo familiar *novinha*. — Evita-se dêste modo a frase à *flôr do cunho*, que é tradução bárbara do francês, à *fleur de coin*.

Numerario. Conjunto das moedas que andam em circulação em certo momento. — Palavra já usada por Accursio das Neves em 1814-1817 numa obra intitulada *Varietate sobre objectos relativos ás notas*, etc.: vid. *O economista Accursio das Neves*, por M. B. Amzalak, II (1921), 33, e I, 19.

Numismata, numismatico. É o individuo que se ocupa de Numismatica; especialista de Numismatica. Palavra formada, por um lado, como *aristocrata*, pelo outro, como *matematico*. Conquanto eu empregasse a primeira no titulo de um opusculo que publiquei em 1909, acho mais nacional a segunda, que foi já usada no sec. XVIII por Fr. Vicente Salgado, num ms. da Academia das Sciencias: «prática dos Numismaticos»; vid. tambem esta Nomenclatura, s. v. «medalha». Pelo meu venerando Mestre de Medicina D.^{or} Pedro Dias, que tambem se ocupou da sciencia das moedas com grande fruto, vi empregada a mesma palavra numa carta que escreveu ao D.^{or} Araújo, e se guarda no Museu Etnologico.

Numofilacio. O mesmo que *monetario* e *medalheiro*, isto é, colecção ordenada de moedas; lugar onde elas se guardam. Vid. *Da Numismatica em Portugal*, p. 2, nota 2, e *medalha* nesta Nomenclatura.

Obsidional. Moeda provisória, de baixa lei, fabricada durante um cerco (*obsidio*) para acudir às necessidades do comércio.

Orla é, de modo vago, a extremidade de cada página da moeda, às vezes delimitada pelo rebôrdo, ou definida por uma serie de pontos ou granulós, fig. 22. D. Rodrigo da Cunha usa esse termo a fls. 102 v, 104, 106; no último lugar diz «*garfila* ou *orla*». Damião de Goes,



Fig. 22

Chronica de D. Manuel, fls. 112 v, ed. de 1566, diz que os *portugueses*, moeda de ouro, tinham dois letreiros: «hũ na garfilla de fóra, aho redor, q̃ dizia *primus Emanuel*, & outro letreiro aho redor das armas...»; d'onde se vê que *garfila* é «orla». O escrever Goes *garfilla*, com *ll*, faz crer que ele acentuava o *i*, e é assim que Moraes,

Dicc. da ling. port., s. v., manda ler; todavia os Hespanhois, que tambem, noutra fórmula, têm a mesma palavra, pronunciam *gráfila*. Num texto do sec. XVI, publicado nas *Provas da Hist. Genealogica*, II, 459, lê-se: «... seis braceletes... com huns fios grafilados pelas bordas» (isto é, bordas dos braceletes). Severim de Faria, no sentido de «orla», emprega *á roda*, § 26, *pela roda*, § 29, *na cerca*, § 32, *no circuito*, § 32, *na cercadura*, § 34. Esta última expressão é igualmente usada por D. Rodrigo, cit. fl. 106.

Páginas, de uma moeda, são as duas superficies maiores, opostas uma à outra. Em vez de *páginas* pôde dizer-se *faces*, *lados*, etc. Severim, §§ 4, 6, diz: *de ambas as bandas*, *de ambas as partes*. D. Rodrigo da Cunha, fls. 102 e 107, diz *face*. Uma d'estas páginas chama-se *anverso*, a outra *reverso*.

Quebrar moeda, ou *levantar moeda*, isto é, cunhar com o mesmo valor intrínseco e o mesmo tipo uma moeda corrente, porém com maior liga e portanto com menor valor intrínseco. Um ant. sin. de *quebrada* ou *mingoada*, é *febre* do latim *flebilis*.

Pátina. É o *verdete* (carbonato de cobre hidratado) que, pela humidade do ar, se forma nas moedas de cobre ou de bronze. O *verdete*, acumulando-se lentamente à superficie das moedas, dá-lhe um verniz especial chamado pátina. O verdete nas moedas em circulação aparece pouco por causa do atrito continuado.

Rebôrdo. Saliencia que o bôrdo faz em cada uma das faces da moeda. Cf. «cordão», s. v. «bôrdo».

Recunhada. Diz-se assim a moeda que, por engano, recebeu em uma de suas faces parte do tipo de outra que estava pousada sobre ela na ocasião da cunhagem, fig.23.



Fig. 23

Restituídas. Chamam-se particularmente em Numismática romana *moedas restituídas* as que certos imperadores cunharam, reproduzindo mais ou menos moedas anteriores, de outros imperadores, ou da republica, e juntando ao nome, para designarem isso, a palavra RESTITVIT, geralmente abreviada (REST). Restituíram-se moedas de todos os tres metais. As causas da restituição não estão bem averiguadas: seriam causas complexas, vid. F. Gnechi, *Monete romane*, Milão (Hoepli) 1900, p. 283 sgs. O imperador que restituiu maior número de moedas foi Trajano (ouro e prata).

No reverso das moedas (de prata) do Centenario da India, cunhadas no reinado de D. Carlos, ha uma restituição parcial, pois reproduziu-se nelas a cruz dos pintos; nos «500 reis» de D. Manuel II, de 1908, quis-se imitar o brasão das moedas do sec. XVIII.

Reverso. Vid. *Anverso*.

Roseta. Vid. *Florão*.

Rosto. «O rosto da medalha é a parte ou face opposta ao reverso». Morais, *Dicc.*, s. v. «rosto». Vid. *Anverso* nesta Nomenclatura.

Safada. (Çafada): Moeda gasta pelo uso.

Scifata (scyphata). Moeda concavo-convexa, que por isso lembra a fôrma de um *scyphus* (taça ou copo).

Senhoreagem. Lucro da amoedação; emolumento que o rei, o senhor, ou o estado percebia por ela. Tambem se chamava assim aos gastos ou custo do fabrico, o que igualmente se chamava *braçagem*. (Cf. Morais, *Dicc.*).

Do rendimento da *senhoreagem* da moeda da nossa Índia, do sec. XVI ao XIX, fala muitas vezes Aragão, III, 99, 155, 266, 286, 326, 331, 378, citando documentos.

Num alvará de 26 de Fevereiro de 1643 manda o rei que as *patacas* ou *reales* de Castela correntes em Portugal sejam contramarcadas com «480 reis», e que depois «se responda a seus donos, por cada hũa 400 reis, e a 200 por cada mea, e que os mais crescimos, que vem a ser a 20 por cento, fiquem *para minha fazenda e para os gastos do mesmo cunho*» (*apud* Aragão, II, 266).

Senhoreagem nas moedas de ouro de D. João V: Aragão, II, 86.

A expressão *braceagem* lê-se numa lei de 4 de Agosto de 1688, onde juntamente se lê *senhoreagem*. Já Bluteau se referiu a esta lei ao falar d'aqueles dois vocabulos, porém não a especifica.

De tempos modernos diz Aragão, II, 236: «algumas nações não tiram senhoriagem de moeda de oiro, como acontece na Alemanha, emquanto na França a moeda é de inferior toque, e peso, ao decretado».

Serrilha. Vid. *Bôrdo*.

Sigla. Letra isolada como inicial de nome.

Simbolo. Vid. *Tipo*.

Sinal oculto. Certo sinal que se põe na moeda para indicar o local da fábrica, os moedeiros, etc.

Singular. O mesmo que *Anomala*. Vid. êste último termo.

Sistema monetario. Conjunto de moedas de uma nação, ligadas entre si segundo certa relação ponderal, e com base comum, ou *unidade monetaria*. Os tratadistas chamam *padrão monetario* á porção de metal fino que se toma por unidade: se é só ouro, ou só prata, temos o *monometalismo*, ou sistema monometalico; se é ao mesmo tempo ouro e prata, temos o *bimetalismo*, ou sistema bimetálico.

Tipo. Significa tudo o que está representado ou figurado na moeda: comprehende o *cunho* ou *cunhos*, e o *letreiro* ou *escrita*. Tambem se emprega *tipo* só como sinonimo de *cunho* ou *cunhos*, e é essa acepção mais geral. Empregar *tipo* no sentido de *simbolo*, como alguns fazem, é improprio, pois o *simbolo* designa a *divisa* de uma cidade, a *empresa* de um rei, e bem assim certas letras ou imagens religiosas e outras.

O tipo ou o simbolo dizem-se *falantes*, quando representam hieroglicamente um nome, por exemplo, nas moedas da ilha de Milo um pomo (*μηλον*), nas de Rodes uma rosa (*ῥόδον*), talvez por vezes sob a influencia de ideas religiosas; nas moedas da Republica romana uma *flor* correspondentemente a *Aquilius Florus*, um *pé grande* correspondente a *Furius Crassipes*, uma *Musa*, correspondente a *Pompo-*

nus Musa, um martelo ou *malleus*, correspondente a *Publius Malleolus*. Acêrca deste assunto, quanto á antiguidade, vid.: Reinach, *Manuel de Philologie*, I, 105; Lenormant, *Monnaies et médailles*, p. 100. Entre nós temos, por exemplo, nas moedas de D. Antonio, Prior do Crato, cunhadas em Angra, o simbolo do «açor», por alusão ao nome do Arquipelago.

Comparando entre si certas moedas de um mesmo tipo geral, e provenientes de uma mesma officina, observam-se nelas, por vezes, diferenças, quer no cunho, quer na legenda, as quais se chamam *variedades*.

Quando uma d'essas moedas é menos importante que a outra, ou menos antiga, chama-se *variante* d'essa; quando não pode saber-se a data, ou quando a importancia é quasi igual ou igual em ambas, diz-se simplesmente que são *variantes* entre si.

Variedade. Vid. *Tipo*.

Verso. Vid. *Anverso*.

Desenhos de F. Valença.

J. L. DE V.

Antiquitvs

(Continuado d-O Arch. Port., xxx, 1 a 13)

XXIX

Sepulcros romanos inéditos no Casal de Santo Amaro (junto a Sintra)

Na crónica de velharias sintrenses, aqui publicada em 5 de Outubro último, sobre a Ermida de Santo Amaro, prevendo a curiosidade do leitor, a quem a presença isolada dêste monumentozinho religioso na desolante charneca do mesmo tópicó surpreendesse, revelei o achado, no casal vizinho, de duas antigas sepulturas pagãs, uma delas com inscrição, facto que devia, por si só, ser interpretado como explicativo do culto cristão naquele sítio. E por sua vez também, o aparecimento de lápidas romanas não devia causar estranheza nesta região.

A romanização do território de «Olisipo» foi bastante intensa para E. Hübner, o notável epigrafista alemão, ter registado no *Corpus Inscriptionum Latinarum* mais de trinta epígrafes, só no alfoz de Sintra, às quais devem hoje somar-se algumas posteriormente encontradas. Mas muitíssimas mais certamente destruíram os dezanove